

A vida, a liberdade, a terra e a natureza, os nossos direitos, a justiça social, os seres queridos... Poderíamos fazer uma lista de tudo aquilo sagrado para nós, tudo aquilo ao que nunca renunciaríamos e defenderíamos com todas as nossas forças, tudo aquilo com que nos importamos e até nos define como pessoas no seu exercício ou na sua mera defesa. Não é para menos, é sagrado.

Não vamos entrar agora em etimologias do “sagrado” além da obviedade de que é palavra bastante anterior ao cristianismo. Isto é importante para o que vem a seguir.

Nos últimos tempos tem havido um [certo seguimento informativo](#) dos graves acontecimentos ocorridos no território Sioux de Standing Rock (Dacota do Norte e do Sul, EUA). Isto é, a tentativa de construção dum oleoducto na zona - considerada sagrada e de alto valor ecológico - levou à mais grande revolta nativa norte-americana desde o S.XIX e à sua repressão com brutal força, ainda que parece que os poderes de turno achantaram por enquanto perante a valente e decidida resistência.

Contudo, um facto interessante a ser analisado é parte do tratamento dessas notícias: É frequente encontrarmos referências na imprensa generalista a essa sacralidade dos lugares defendidos, às crenças dos povos nativos, mesmo às suas profecias, etc. Dito doutra forma, o elemento simbólico-religioso é tomado com naturalidade, como mais uma parte da campanha cívica e política, um elemento indissociável dessas culturas. Dá-se como natural, incluindo na mídia de esquerda, habitualmente cauta com estes temas, a correlação cultura-espiritualidade.

“Defender o sagrado não é delito”, lia-se. “A água é vida”, berravam entre porrada e porrada. “Tronçaremos a serpe preta”, desafiavam. “Pelas nossas raízes e pelas nossas sementes”, orgulhavam-se.

Poderíamos imaginar algo similar aqui? Que sucederia se na defesa dum bem natural, cultural ou patrimonial galego alguém insistira na sua “sacralidade” mais alá do retórico como um dos seus elementos definitórios?

Pois, quando aparecem tais palavras nas nossas coordenadas o primeiro que vem à mente seguramente é a catedral de Compostela e algum bispo ou similar, não é? Nesse caso, a verdadeira pergunta deveria ser se o cristianismo infligiu assim tanto dano que não somos capazes de distinguirmos entre uma série de assuntos.

Não gosto, mas na Galiza actual religião ainda equivale a cristianismo – nomeadamente catolicismo apostólico romano – mesmo para as pessoas ateias (uma outra ideia estritamente abraâmica-ocidental tal e como é comumente entendida). É dizer, muitas das nossas referências e comportamentos adquiridos são essencialmente católicos, directa ou indirectamente, e por isso é tão complicado rachar com a sua subliminal influência: medos, pecados, patriarcados, imperialismos, supremacismos e auto-limitações pessoais. Normalmente é mais fácil mudar de convicções políticas que descristianizar-se por inteiro.

Isto deriva também em interpretações erradas ou em ignorarmos realidades que condicionam a nossa percepção das religiões em geral (organizadas ou não), ou da espiritualidade, que são cousas diferentes. Por poder até pode haver espiritualidade ateia. A sério. Desde o Xintoísmo até o Vipassana (*mindfulness* para os *hipsters*), o panteísmo científico ou o que dizia Carl Sagan. Só temos que desfazer-nos do nosso condescendente eurocentrismo e catolicismo social durante um tempinho. O conselho também é para aplicar se algum dia realmente sonhamos com ser País acolhedor e integrador doutras gentes e culturas.

Os Sioux não estão isentos de cristianismo, por suposto, mas não perderam assim tanto o elo com a sua tradição íntima, e o protestantismo é tão variado e relativamente recente que não lhes deu feito. Claro, é como nós com o “nosso” peculiar catolicismo, seja dito, equivalente a um falar espanhol de sete vogais e *gheada*¹.

Desculpas. Divago.

Que aconteceria pois se além da defesa de algo porque é justo e lógico acrescentáramos um valor emocional, puramente subjectivo e vizinho da crença aborígene? Se na protecção do nosso procuramos sempre uma acumulação de razões e forças, porquê renunciarmos a todos os ângulos e ferramentas vindas de vozes amigas? Limitaríamos a livre consciência? Que se passaria, em definitiva, se formos tão agudos como a Grande Nação Sioux e utilizáramos todas as armas surpresa ao nosso dispor? A reacção abofé que seria interessante de observar.

Em resumo, como crente de algo minoritário entre o minoritário (por muito enxebre e genuinamente galaico que for), e decididamente distante do cristianismo, posso defender o meu sagrado?

Nativos e nativas somos, em qualquer caso, duma cultura ancestral que confiava na terra e sonhava com as estrelas e o mar.

Texto publicado originalmente em *Diário Liberdade* (12 Janeiro 2017):

<https://gz.diarioliberalidade.org/opiniom/item/119804-defender-o-sagrado.html>

Republicado depois noutros lugares.

¹ Nota para pessoas não-galegas: Fenómenos fonéticos próprios da fala galega que são conservados mesmo na fala em espanhol, isto é, falar espanhol com sotaque e entonação tipicamente galega.